
terra roxa

e outras terras

Revista de Estudos Literários

APRESENTAÇÃO

A arte literária tem a palavra como seu principal suporte. Se a imagem, pela arquitetura, pela escultura, pela pintura ou pela fotografia, busca significar muito mais do que a palavra, a literatura não seria capaz de agir também como se fosse uma arte visual? Em carta a Paul Kellogg em 1922, o renomado fotógrafo Lewis Hine disse: “If I could tell the story in words, I wouldn’t need to lug around a camera” (Se eu pudesse contar uma história em palavras, não precisaria carregar uma câmera”). É suficiente uma imagem se a palavra pode dizer o que vai dentro de nós?

Assim, tanto a descrição daquilo que foi, na esteira de Barthes, quanto narrativa do como foi, a literatura registra, no sentido mais estreito da memória, as diferentes proposições íntimas e as percepções espaciais de modo a matizar a visão de personagens e escritores. Sobem à luz, fundamento da escrita fotográfica, autores que souberam com destreza, leveza e sinestesia, marcar em nós esses instantes da memória, quando a literatura se faz enquanto fotografia.

Nesse sentido, esse volume busca problematizar o *punctum* barthesiano como a maneira escolhida para singularizar, pela palavra, a reprodução do que se viu, do que foi e do que se percebeu. Quer-se assim provocar os estudiosos a pensar o texto literário matizado pelo espinho que faz o leitor perceber mais do que está, mais do que se disse, mais do que se quis, mais do que foi.

Os nove artigos publicados nesse volume estabelecem alguns parâmetros interessantes a partir da fotografia: a medialidade fotográfica do jornal, a construção da memória a partir do *medium* fotográfico, o escritor como observador presente — tudo (d)escrito por quem esteve lá. Aqui e ali, aparecem tangências com a questão da imagem estática e aquela em movimento, especialmente a partir do cinema.

Em termos de referenciais teóricos, além de Roland Barthes, foram trazidos à baila autores consagrados na área, principalmente Walter Benjamin, Phillippe Du-bois, Paul Ricoeur e Susan Sontag. Os textos visitados criticamente estão marcados pela contemporaneidade: Isabel Allende, Carlos Drummond de Andrade, Clari-

ce Lispector, Tomás Eloy Martínez, Fernando Pessoa, Luigi Pirandello, Adélia Prado e José J. Veiga.

O primeiro artigo, “Materialidade e modernidade no Livro do Desassossego”, assinado por Diego Giménez, propõe uma visita à Lisboa moderna vivida por Pessoa em paralelo àquela Paris baudelairiana, descrita por Benjamin. O escritor, estrangeiro em sua terra, é o fotógrafo que enquadra, aliena-se, e na fotografia (ou no texto) se revela “ferido” (na tradição do *punctum*) pelo momento e pelo espaço em que vive. A massa mecânica da modernidade se revela, muito *à propos*, carente do campo faltante ou, reversamente, enquanto campo invadido pela organicidade técnica do enquadramento.

A seguir, Andrea Quilian de Vargas e Rosani Úrsula Ketzner Umbach, em “Imagens em *Quaderni di Serafino Gubbio operatore*: engano ou representação?”, colocam em tela a dúvida articulada por Pirandello diante do ato representacional. Desconfiado, Serafino Gubbio quer encontrar na materialidade da representação, logo autoral, uma saída para a evanescência da imagem em movimento; era ele um operador que nada criava, nada “operava”. A subjetividade da representação é anulada pela mecânica moderna, repleta de ruídos, movimentos, partes, que afasta o homem de sua própria realidade, aquela do conhecimento e da certeza de sua existência.

O terceiro texto, “Incidências fotográficas na poesia de Drummond” de Thayane Morais Silva e Luiz Henrique Carvalho Penido, pode ser lido em tangência com o texto de Aulus Martins mais adiante. A partir de Susan Sontag e sua percepção sobre a visão pura como própria das linguagens poética e fotográfica, metonímia e metáfora são perseguidas em dois poemas de Drummond como instrumentos fotográficos. Fundados em Todorov, os autores argumentam, a meu ver, que o poema é a materialidade da representação daquilo que é ou estava ali. “Retrato de família” e “Evocação mariana” se mostram assim artefatos da memória, re-presentação em *punctum*.

Adriana Yokoyama e Enéias Farias Tavares discutem “A intrínseca relação entre texto e imagem em ‘Mineirinho’, de Clarice Lispector”, a partir da morte de Mineirinho e da foto impressa em jornais da época. Memória e cognição se tornam mecanismos de apropriação e regurgitação (provocada pelo horror) na linguagem literária da crônica clariceana. Mais que o *studium* do fato e da foto, revela a crônica o processo do *punctum*, a dor revelada pela reflexão sobre o Estado e a sociedade.

“Memórias montadas” é uma leitura de *Retrato em Sépia*, de Isabel Allende, realizada por Julliany Alves Mucury e Sílvia Helena Cyntrão. O foco é a memória enquanto processo de montagem daquilo que se lembra e que se evita lembrar. A fidelidade ao ocorrido passa pelo ângulo do que se quer e do que o outro permite que seja. A relação com o outro admite as possibilidades viáveis, descartando-se aquilo que é preciso ou é necessário esquecer. A realidade torna-se assim resultado da permissão social ou de sua admitida verossimilhança.

A seguir, há o artigo escrito por Marcus Rogério Tavares Sampaio Salgado, “A metrópole em obras: literatura e fotografia na figuração da imagem da cidade mo-

derna no periodismo da *belle époque tropical*”, interessante recorte do assunto. O cartão postal como memória e propaganda, durante a *belle époque*, reproduz a ideia da novidade do olhar, tanto pelo deleite do olhar quanto pelo narcisismo do testemunho da modernização urbana do Rio de Janeiro nas crônicas presentes na revista *Kosmos*.

Anuschka R. Lemas e Brunilda Reichman, no artigo “Purgatório, de Tomás Eloy Martínez: suspensão do tempo e construção de realidades”, realçam as cenas narradas como imagens fotográficas, com a suspensão do tempo e a “eternização” do presente. O que foi se mantém vivo pela memória e pela seletividade do esquecimento, em diálogo com o texto de Mucury e Cyntrão. A realidade imaginada, ou projeção, se mostra em mescla com a lembrança e o tempo presente. Com base em Boris Kossoy, fica nítida a relação entre passado fotografado e a emoção despertada pela memória.

A rostificação de objetos, enquanto processo do *studium*, chama a atenção do leitor na obra de José J. Veiga, *Objetos turbulentos*, estudada por Marisa Martins Gama-Khalil, em “Retrato de um inquietante vestido: quase objeto?”. Em insólitas situações, os objetos acabam alçados, pelo ângulo fantástico, à condição destacada nos contos de Veiga, especialmente em “Vestido de fustão”, revelando aquilo que são, enquanto “verdadeira alma”. A condição do espelho, processo de revelação, em jogo de imagem e realidade, se apresenta essencial para a própria construção do conto.

Finalmente, Aulus Martins lê poemas em “O verme e o jardim: poesia e fotografia em Carlos Drummond de Andrade e Adélia Prado”. A fotografia está ausente em termos físicos, mas presente nos poemas, em sua contextualização. Complementares, poema e fotografia atuam e reagem entre si enquanto liguagens. Em apropriação do objeto fotográfico, o poema é a realização do *studium* e do *punctum* barthesianos, em visitas ao “inconsciente ótico”, o olhar incapaz de captar aquilo que o inconsciente percebe e apreende.

No debate acerca das relações interartes, especialmente aquelas entre fotografia e literatura, mais do que a simples descrição de espaços, a literatura enquanto fotografia elabora percepções e perspectivas a engendrar permissões sociais, reflexões políticas e a visitação da memória. Tomara que a leitura dos textos provoque novas e inovadoras reflexões sobre esse tema.

Na seção “Vária”, temos a honra de publicar texto de Paulo Franchetti, uma provocação da crítica literária, enquanto função, audiência e local de produção. Foi apresentado em 2015, em ciclo de palestras na ABL.

Boa leitura,

Alamir Aquino Corrêa

(responsável pelo volume)